

Efeitos das narrativas na constituição do sujeito e da linguagem

R. H. R. Rojo – PUCSP

Esta comunicação baseia-se num ponto de vista segundo o qual a sócio-construção da linguagem e da subjetividade (“identidade”) decorrem diretamente da sócio-história de interação e das *atividades discursivas*¹ dos sujeitos em constituição. Diferentes *matrizes de atividade discursivas* (Schneuwly, 1988), ligadas à construção de diferentes *gêneros discursivos*, terão efeitos diversos sobre a constituição da linguagem e da subjetividade enquanto *persona* (Bronckart, em prep.) e enquanto sujeito social. A narrativa, cristalizada em diversos *gêneros secundários* (Bakhtin, 1978) – contos de fadas, por exemplo –, tendo por características as particularidades de ser um tipo de discurso construído relativamente cedo na criança e de multiplicar as perspectivas e as possibilidades de *ancoragem enunciativa* (Bronckart, Schneuwly et al., 1985; Schneuwly, 1988), teria um papel importante no processo de desenvolvimento de linguagem e de sócio-construção do sujeito.

Para sustentarmos tais afirmações, analisaremos dados de interação familiar em duas crianças brasileiras, de diferentes inserções socioculturais e que apresentam diferentes *matrizes de atividade discursivas* em suas sócio-histórias de interação: H. e P. Na análise, examinamos as atividades e os gêneros discursivos negociados nas

¹ Em francês, *activités langagières*. Estamos traduzindo “langagière” por “discursiva”, por um lado, para evitar neologismos nem sempre eufônicos como “linguajeira”, e, por outro, porque julgamos outras traduções, propostas por exemplo em Machado (1995), tais como “verbal” ou “de linguagem”, amplas e polissêmicas demais para recobrir o conceito.

interações, em relação à emergência de *dêiticos de pessoa* (1ª pessoa do discurso) e de *ancoragens enunciativas*² nos discursos das crianças e de seus interagentes.

Os dados, nos dois casos, foram colhidos longitudinalmente, documentados em vídeoteipe, por um período de cerca de 2 anos e meio, em sessões de interação livre, de cerca de 40 minutos cada, no seio da família, a partir de uma metodologia de coleta etnográfica. O recorte aqui analisado recobre o período de 02:01 até 03:01 de ambos os sujeitos.

O primeiro sujeito é uma menina (P.), filha primogênita de mãe doméstica (diarista) e pai comerciante (açougueiro), ambos alfabetizados, residente na periferia da capital de São Paulo, cuja unidade familiar abriga uma família patrilinearmente "ampliada": avô ("do lar") e avô (dono de bar); dois tios adolescentes sem ocupação fixa; além do pai e mãe (que teve um outro bebê em 1992). Além disto, a dinâmica da unidade familiar, além de ampliada, é "comunitária": em todas as gravações, figuram parentes, amigos, vizinhos, conhecidos e, sobretudo, com regularidade, outras crianças. Não foi identificado, nas observações ou gravações, qualquer uso de escrita nesta unidade familiar. A criança não foi escolarizada no período e a mãe declara que só o será aos 07 anos. O segundo sujeito é também uma menina (H.), filha caçula de pais professores universitários (Linguística e Filosofia), com 04 irmãos escolarizados (três irmãos e uma irmã mais velhos, com idades variando na época de 12:00 a 07:00), numa unidade familiar onde o uso de escrita é intenso e recobre todas as funções (cf. Ehlich, 1983).

O recorte dos dados em foco nesta análise envolve cerca de 17 horas de filmagem, em 25 coletas, sendo 13 com o sujeito H e 12 com P.

A análise dos dados foi feita segundo dois estratos: (a) o estrato *sociológico*, envolvendo as práticas e os mecanismos/processos interacionais; (b) o estrato *enunciativo*, envolvendo as condições de produção de tais práticas, assim como os aspectos discursivos – textuais e lingüísticos – dos enunciados em si.

A grade de análise que sintetiza os dois primeiros estratos (sociológico e enunciativo) foi construída com base nos trabalhos de Bronckart, Schneuwly et al., de cujo modelo foram retiradas as noções de "matrizes de atividade discursiva" (Schneuwly, 1988) e "atividades discursivas (teleológicas, normativas e dramáticas)" (Bronckart, 1992). A noção de *matriz de atividade* aqui presente – como noção de base marxista (Sève, 1974) – tem a vantagem de

fazer a ligação entre as condições de produção de uma dada atividade e sua formatação enunciativa, por meio das noções de *atividades discursivas* (teleológicas, normativas e dramáticas) e, dentro das atividades discursivas teleológicas (daqui por diante, ADTs), por meio da noção de *jogo de linguagem* (Bruner, 1975; Lier, 1985).

Todas as atividades discursivas, e, logo, também os jogos de linguagem, são altamente "formatadas" lingüisticamente, razão pela qual possibilitam uma via de acesso às formas do "enunciado" na "enunciação" e, logo, são categorias que fazem a mediação entre o processo e o produto, ou melhor dizendo, entre as condições de produção das atividades discursivas e os enunciados delas resultantes.

A análise dos resultados mostra que temos, em P., matrizes de atividade centradas e regulares, independentemente dos múltiplos interagentes. Portanto, os processos de construção são regrados e organizados, no seio da família, focados na construção da ação e de sua descrição³, com predomínio de *atividades discursivas teleológicas* (ADTs) ou *normativas* (ADNs). Trata-se de "fazer fazer". Do ponto de vista da construção da narrativa, o que é construído é a narrativa dialógica vertical, preferencialmente sem disjunção de mundos (*descrições de ação em curso* – DA), ou então, a narrativa – também vertical e dialógica – disjunta (no tempo) (*relatos de experiência vivida* – R), mas com ancoragem única, em 1ª pessoa.

A monologização da narrativa e a polifonia não são absolutamente construídas; a fala letrada ainda menos, devido à ausência total de atos de contar monologizados e de leitura, por parte dos pares "mais desenvolvidos". Por outro lado, aqui também, escrever significa desenhar: os aspectos gráficos são os únicos valorizados, com uma ausência total de aspectos enunciativo-discursivos do letramento. O núcleo familiar não é absolutamente o lugar de construção dos usos de escrita significativa, já que os usos de escrita (as práticas letradas) estão absolutamente ausentes.

No que diz respeito aos *dêiticos de pessoa* (1ª pessoa), como era de se esperar a partir destes resultados, estes são estabilizados na descrição da ação em curso. Como já apontado na literatura de aquisição, há, inicialmente, um privilégio do uso do nome próprio para a (auto-) designação da criança, sobretudo por parte dos interagentes. A frequência do nome próprio da criança na amostra é de 1>61 palavras, sendo que sua frequência de uso nas gravações

³ E da nomeação, aspecto este não focalizado neste texto (cf. Rojo, em prep.).

⁴ A contagem de frequência, assim como o recorte dos exemplos foram feitos por meio do Software MICROCONCORD (Scott e Johns, 1993, Oxford).

² Em francês nos autores, *ancrages énonciatives*.

decai com regularidade de, por exemplo, 67 vezes na 2ª gravação para 13 vezes na 13ª. Mas esta frequência é devida sobretudo aos interagentes e não à criança.

O emprego mais freqüente é o vocativo em situações enunciativas de matrizes ADT com estruturas ordem/(des-)obediência. Em segundo lugar, a designação da criança pelo nome próprio pelos interagentes aparece nas posições "argumento" (agentivo, objetivo, dativo, etc.), minoritariamente, em situações de matrizes JN (nomeação das fotos) ou JC (descrição de ação ou relato). O interessante é notar que, nestes casos, aparece sempre complementada pelo dêitico de 2ª pessoa ("você").

A criança ela mesma raramente usa o nome próprio para se autodesignar, o que só acontece em situações rituais ou nas nomeações de fotos.

Desde a 3ª gravação (02;01,12), a criança se autodesigna por "eu". A frequência do pronome de 1ª pessoa na amostra é menor que a do nome próprio (1>140), mas é regularmente distribuída nas gravações (cerca de 10 a 20 ocorrências por coleta) e a criança é responsável por 60,5% destas ocorrências, o que mostra uma forte estabilização da aquisição do dêitico de 1ª pessoa desde muito cedo nesta amostra. O mais interessante é notar que, conforme vemos em (3), o contexto privilegiado destas ocorrências nos enunciados da criança é devido à narrativa: dá-se nas negociações de DA, nas matrizes ADT de tipo jogo de contar (JC/DA). Minoritariamente, elas ocorrem também em JN (nomeação de fotos).

No caso de H., os interagentes principais são fixos e são sobretudo os parentais adultos (M., P. e I.).

As atividades discursivas *jogo de contar* (JC), *leitura* (LEIT) e *escrita* (ESCR) são claramente mais freqüentes que outras ADTs (atividades discursivas teleológicas), sobretudo JC e leitura (LEIT). Os episódios de leitura vão se intensificar progressivamente a partir da 4ª gravação e vão se tornar mais longos e monologizados. Estão ligados à presença de certos interagentes.

As outras atividades teleológicas (ADTs) estão freqüentemente (mas não exclusivamente) ligadas ao contar (virar a página, colocar o livro em posição correta, etc.), assim como as atividades normativas (ADNs).

As atividades dramáticas (ADDs) estão ligadas aos *jogos de papéis* ou *dramáticos* (JP/JD) e aos *jogos de contar* ou *de mundos* (JC/JM) e tematizam os sentimentos com relação ao "mundo" narrado (sobretudo, com relação aos caracteres). Os jogos de mundo (JM), embora minoritários, têm um papel central na construção dos lugares enunciativos ("ancrage énonciative", ancoragem enunciativa

(Schneuwly, 1988)). As cantigas estão em distribuição complementar aos jogos dramáticos e negociam quase sempre as cantigas típicas do personagem central da história em JC.

A emergência da monologização se faz, por um lado, por uma intensificação, a partir da 7ª gravação, das atividades de leitura e de narrativa monologizada, como modelos fornecidos pelo par mais desenvolvido. Por outro lado, ocorrem propostas de uma negociação complexa, a partir da 16ª, de uma "complementaridade monológica", onde operam, sobretudo, dois tipos de trabalho interacional: (a) um trabalho sobre o enriquecimento da narrativa e sobre a conexão monológica e; (b) um trabalho sobre a organização da polifonia da narrativa.

Neste contexto complexo de construção da narrativa letrada e monologizada, através de práticas vazadas em matrizes de atividade discursiva do tipo jogos de contar que negociam o gênero secundário contos de fadas, também a construção da dêixis de pessoa faz-se mais complexa, pelas próprias possibilidades de enunciação polifônica que o gênero abre.

Quanto aos processos de (auto-)designação da criança, reencontramos aqui o mesmo fluxo apontado em particular em P. e em geral nos estudos de aquisição de linguagem: a precedência do nome próprio em relação ao pronome como designador. Há 186 ocorrências de nome próprio, sendo 89% da parte dos adultos interagentes (1>356) e somente 11% da parte da criança (1>2995), como em P. Estas ocorrências têm também uma distribuição semelhante à da amostra de P.: os adultos utilizam o nome próprio sobretudo em função vocativa, mas também ao nomearem ilustrações dos livros de contos de fadas e em posição "argumento" (agentivo), especularmente às enunciações onde a criança se autodesigna pelo nome próprio. Quanto à criança, esta só utiliza o nome próprio para a autodesignação até a 4ª gravação (02;03,05), em contextos semelhantes aos dos adultos, i. e., nas nomeações de ilustrações e em posição argumento (agentivo) em situações de jogo de contar (relato de experiências vividas). Ocorre também o nome próprio na posição objetiva, em jogos de mundo.

A emergência da dêixis de pessoa, por meio do pronome de 1ª pessoa ("eu") terá uma estabilização mais complexa, lenta e tardia nos dados de H., como veremos, em grande parte devido à polifonia. O pronome de 1ª pessoa ocorre também desde a primeira gravação (1>104), num total de 545 ocorrências. A maior parte delas é da parte da criança (50,5% contra 49,5% da parte dos interagentes), o que indica o privilégio do pronome em relação ao nome. Há uma

intensificação das ocorrências que passam de 08 na 1ª gravação para 49, na 16ª e 44 na 19ª.

As ocorrências da dêixis de pessoa mais frequentes nas enunciações da criança são, como em P., em situação de descrição de ação em curso (DA) ou de relato de experiências vividas (R), nas matrizes ADT/JC.

A segunda maior ocorrência da dêixis de pessoa nas enunciações de H. – quase em igual proporção – encontra-se, diferentemente de P., em situações enunciativas de (re-) contagem de contos de fadas, na matriz JC/H, onde o pronome de 1ª pessoa é no mínimo tri-vocal (histórias reportadas) e sempre polifônico (histórias reportadas e inventadas). Nestes casos, as enunciações acumulam no mínimo três vozes na dêixis de pessoa: a do falante empírico (H.), a do locutor narrador (L) e a do enunciador personagem (E) a quem a dêixis de pessoa se refere (Ducrot, 1984). Também boa parte da dêixis de pessoa, na fala dos adultos interagentes, ocorre nesta situação polifônica.

Outras situações enunciativas onde ocorre, com menor frequência, o pronome de 1ª pessoa são situações de disputa pelo lugar de locutor ou de agente principal, na forma imperativa ou com modalizadores deónticos (“pode/deixa”) e em enunciações que tematizam a (in-)capacidade da criança de contar e recontar histórias, com verbos epistêmicos do tipo “(não) sei, conheço, vi”. Todas estas outras ocorrências têm em comum tematizar, disputar, obter, afirmar ou negar a possibilidade de narrar.

Portanto, do ponto de vista do que aqui nos está interessando (construção da dêixis de pessoa), os resultados mostram dois processos de construção da linguagem bastante diversos. O primeiro, em P., fundado na construção dos gêneros primários dialógicos e onde a narrativa está praticamente ausente, apresenta uma estabilização mais rápida dos dêiticos de pessoa, mas também menos flexibilidade e pluralidade de ancoragem enunciativa. Podemos dizer que a criança é reduzida à conjunção de mundos e à designação, ou, no máximo, à uma ancoragem subjetiva em 1ª pessoa. No segundo processo (H.), fundado sobretudo na construção do gênero secundário narrativa de contos de fada e na *fala letrada*, verifica-se exatamente o contrário: uma estabilização dos dêiticos mais complexa, tematizada e tardia, mas que apresenta uma flexibilidade e pluralidade de ancoragem enunciativa ausentes em P, que podem estar caracterizando a construção de um sujeito do *dizer*.

⁵ É claro: se não há narrativa, não se pode construir outras ancoragens, mesmo aquela mais simples, em 3ª pessoa, do narrador onisciente.

Mais uma vez, deveremos refletir não só sobre o significado destes resultados no que diz respeito à constituição da subjetividade e do sujeito social, mas também no que diz respeito ao sucesso ou insucesso escolar. Encontramos aqui uma distribuição desigual de construção da linguagem que, para certas camadas da população brasileira (aqui no caso, P.), atribui à escola o papel de lugar único de construção do letramento (e aqui, mesmo dos gêneros secundários – narrativa monológica). Em nossa amostra, no que se refere à construção da *dêixis* de pessoa – um dos lugares da subjetividade na linguagem –, isso significou uma construção, em universo familiar, apenas da figura do *locutor*, sem pluralidade enunciativa. Portanto, não se trata simplesmente da construção de gêneros, da monologização ou do letramento, mas também das possibilidades do dizer da subjetividade. Seria interessante pensar nas decorrências desta análise para a formação do professor e do profissional de educação do Ensino Básico e Pré-Escolar.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (1978) El problema de los géneros discursivos. In: BAKHTIN, M. *Estética de la creación verbal*. México: Siglo XXI, 1979, p. 248-293.
- BRONCKART, J.-P. El discurso como acción: por un nuevo paradigma psicolingüístico. *Anuario de Psicología*, Universitat de Barcelona, v. 54, n. 3, p. 3-48, 1992.
- . Le texte comme produit social. (em prep.)
- BRONCKART, J.-P., SCHNEUWLY, B. et al. *Le fonctionnement des discours*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1985.
- BRUNER, J. The ontogenesis of speech acts. *Journal of Child Language*, v. 3, p. 1-19, 1975.
- EHLICH, K. Writing ancillary to telling. *Journal of Pragmatics: Special Issue on "Linguistic Problems of Literacy"*, The Netherlands: North-Holland P.C., v. 7, n. 5, p. 495-506, 1983.
- LIER, M. F. A. F. O jogo como unidade de análise. *Aquisição da linguagem*. Uberaba: F.I.S.T.A., 1985. p. 45-55. (Série Estudos, 11)
- MACHADO, A. R. O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUCSP, 1995.
- ROJO, R. H. R. O letramento na ontogênese: Uma perspectiva sócio-histórica. In: ROJO, R. H. R. (org.) *Letramento & alfabetização: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras. (no prelo)
- . Contando ao pé da letra: processos de construção da narrativa (letrada) na criança. (em prep.)
- SCHNEUWLY, B. *Le langage écrit chez l'enfant: la production des textes informatifs et argumentatifs*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1988.
- SÉVE, L. *Marxisme et théorie de la personnalité*. Paris: Sociales, 1974.